
MÚSICA
17 FEVEREIRO '07
AMÉLIA MUGE

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 17 FEVEREIRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H15

Voz Amélia Muge

Direcção Musical António J. Martins

Piano acústico e Piano Rhodes Filipe Raposo

Contrabaixo e Baixo eléctrico Yuri Daniel

Sopros e Acordeão José Manuel David

Percussões Carlos Mil-Homens

Realização plástica António Jorge Gonçalves

Desenho de luz Manuel Mendonça

Captação sonora, Registos e Interação instrumental António J. Martins

Produção Culturgest / Vachier & Associados

PROGRAMA

Cântico do País Emerso (excertos)

Sete portas tenho em casa

À volta da sala

Entre o deserto e o deserto

Escutar Caetano

Ervas-de-cheiro

O que vê o meu olhar

Fadunchinho

Visões do entardecer

Quem vier que venha (Saudação)

Na noite mais escura

O anjo

A garra do macaco

Chamaram-me cigano

Senhorecos

Parece Maio

Transparência

NATÁLIA CORREIA

HÉLIA CORREIA

AMÉLIA MUGE

ANTÓNIO RAMOS ROSA

AMÉLIA MUGE

JOÃO PEDRO GRABATO DIAS

AMÉLIA MUGE

HÉLIA CORREIA

AMÉLIA MUGE

AMÉLIA MUGE

ANTÓNIO RAMOS ROSA

SOPHIA DE MELO BREYNER ANDRESEN

LAURIE ANDERSON (TRADUÇÃO DE JOÃO LISBOA)

JOSÉ AFONSO

JOÃO PEDRO GRABATO DIAS

AMÉLIA MUGE

EUGÉNIO LISBOA

Composições de Amélia Muge com excepção de *Chamaram-me cigano* de José Afonso.

Ela canta. Ela canta. É uma voz da terra, é uma voz das veias
Seria talvez um músculo sombrio, um ombro preso a um muro
Agora canta lentamente e é um monte sublevando-se
Uma coluna ondula e o seu volume cresce com o hálito da terra
É uma voz que canta com as secretas fontes do corpo
Com as pálpebras, com as pupilas, com os braços côncavos
E é como se reunisse em voluptuosas braçadas
as grandes flores do vento, as lentas anémonas do mar
Essa voz tem a nudez sombria de um afectuoso felino
e nasceu talvez da respiração quando dilatou o ventre
para libertar os tumultuosos arcos
que ela modela ao ritmo das sombras
e das lâmpadas vegetais entre os seus flancos azuis

(Original de António Ramos Rosa, a propósito do canto de Amélia Muge)

Quantos queres?

Ana Paula Guimarães *

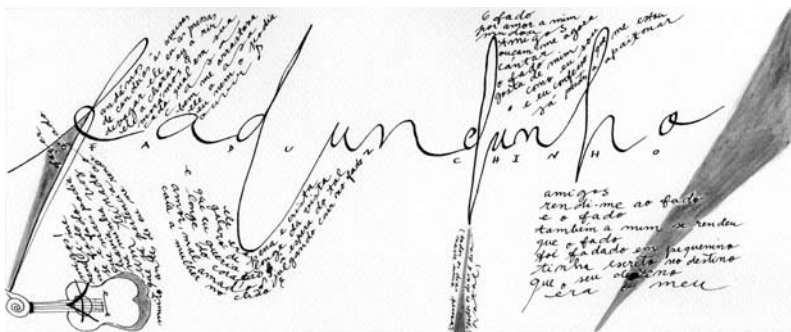
- Quantos queres?
- Não sei jogar. *Eu não sou daqui.*
- Ensino-te. É assim: dizes um número ao calhar e eu junto e separo os polegares e indicadores das minhas duas mãos até chegar ao número que tu sugeriste, depois escolhes um lugar neste *quantos queres?*, armado por mim e por mais alguém que não sabia ler nem escrever e me ensinou este jogo... e eu depois levanto o papel e leio-te o que lá está no verso escondido.
- Ah! Está bem. Então vamos começar.
- Quantos queres?
- Dois.
- Um, dois. Qual dos lugares preferes? Mais aqui ou mais ali?
- Ali.
- Vou espreitar... António Ramos Rosa: *Ela canta, ela canta. É uma voz da terra, é uma voz das veias...*
- Ela? Quem é ela. Sabes?
- Não, não sei. Vamos descobrir. E agora: quantos queres?
- Quatro. Pode ser quatro.
- Um, dois, três, quatro. Deixa ver o que vê o meu olhar....: *No alto daquele mar/ Está uma pombinha branca/ não é pomba não é nada/ É o mar que se levanta.*
- Ah que engraçado! Quatro versos X Quatro... Experimenta agora dezasseis.
- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, quinze, dezasseis. Escuta, escuta como se estivesse a *escutar Caetano*. Gostas de Caetano?
- Veloso?
- Sim. Claro.
- *É como uma pintura de sons/ E como se da tela salsse a voz/ De um anjo bom/ Com requintes de malícia...*
- Meu Deus! Adivinhaste o que estava escrito no *quantos queres?*!!! Vou continuar: *A preto e branco riscada/ É luz no lugar do pano/ Escutar Caetano...*
- Respiro fundo. E pergunto-te outra vez: quantos queres?
- Sete. Magia por magia.
- Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Hélia...
- ... Correia. *Sete portas...*
- ... *tenho em casa/ uma em cada direcção/ norte, sul, oeste e leste/ outra prós bichos no chão/ e a de cima pra quem mora/ lá por Marte ou em Plutão/ mais a que tu arrombaste/ e era do meu coração.*
- ... *trago o mundo na algibeira*. Sabias? Trago mesmo. *Vou por terra de ilha em ilha..., tenho o raminho do mundo pendurado na cintura*. Sabias?
- Não. Não me apetece responder nem interrogar-te. Só escutar. Quantos queres agora?
- Queria mesmo um número que talvez não exista... um número que chegasse

- aqui ou ali pela mão de um... *anjo*...
 Pode ser três desta vez. A lembrar histórias...
- Um, dois, três. Era uma vez um *anjo* que veio sentar-se ao lado do meu leito/ E embalou-me cantando no seu peito. Sabes de quem é ou era este *anjo*?
 - De Sophia de Mello Breyner Andresen escrito em 1947 e publicado num livro chamado *Dia do Mar*.
 - Isso! E pela última vez antes de *entardecer* e depois *morrer* o dia, *dia do mar*, dia da terra. *Transparência*... Quantos vais querer? Para sempre.
 - Zero.
 - Zero!? Zero não pode ser.
 - Pode sim. Falaste em *Transparência*, poema de Eugénio Lisboa e esse poema casa bem com zero. Quero zero. Rima e tudo.
 - Estranho. Zero, então, Tudo fica como está (*há coisas que não são visíveis/ e que*

os sentidos soltos nos reclamam/ viver de coisas que são impossíveis/ de se ver).
 Zero, vá lá. Que lugar de todos? Ali ou aqui? De onde és?

- Aqui. Deste lugar onde estou.
- Vou ver à *transparência*...: *Morrer é só não ser visto,/ é sair de ao pé de ti,/ apagar-me em tudo isto,/ deixar de ver o que vi.*
- ... *deixar de ver o que vi?* escutando então *entre o deserto e o deserto/ numa viagem sem destino, uma voz que canta com as secretas fontes do corpo/ Com as pálpebras, com as pupilas, com os braços côncavos/ E é como se reunisse em voluptuosas braçadas...* todos os lugares do mundo de aqui e de ali. Daí. Quantos queres? Onde estás, Amélia? Donde és?

* Directora do IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional), FCSH/ Universidade Nova de Lisboa, 12 de Janeiro de 2007.



Desenho: Amélia Muge

Biografices

Não sei falar de carreiras. Encantam-me os carreiros. As carreirinhas. As coisas que se vão fazendo dispostas num tempo e num espaço que começa sei lá eu onde e muito menos como acabará. Como as contas de um colar que no andar em redondo recomeçam, sem se dar por ela, na mesma conta. Da infância lembro vozes de “mamanas” no miradouro passeando os meninos. Os seus cantos frente ao mar onde o sol nascia – percebi eu mais tarde – ao contrário do sol europeu que no mar se põe. Esquisitices. Lembro as complicações com a minha irmã Teresa. A onda gigante que nos apanhou desprevenidas um dia à tarde na praia. Lembro os gatos, os cães, os pássaros. Sobretudo aquele pássaro que nasceu sem pena nenhuma e que lá andou pela varanda, convencido que sabia voar. Até ao dia em que tentou, para nunca mais tentar mais nada. Os pianos de papel, na mesa da cozinha, superando a falta do piano que só entrou em casa meses depois. “A minha professora quer que eu saiba os rios de uma terra que eu não conheço, mas que ela diz que é minha... mas não sabe o nome de nenhum dos passarinhos que canta nas árvores da escola” – dizia o Ducha, o meu irmão que não quis acabar a 4ª classe. A piada, que na altura lhe achávamos, foi-se transformando com o tempo num travo cada vez mais amargo. Quantas mais pequenas coisas, para qualquer de vós sem importância nenhuma, poderia eu contar nesta carreirinha do crescer? Vivi em Moçambique que em mim respira, no

ser humano que vou sendo. Uma história amarga mostrou-me a diferença entre Português e Portugal. E foi a música, a poesia, as artes que me apontaram caminhos de esperança. Que me deram bússolas para enfrentar o medo, a exclusão, a desigualdade, a identidade. Frequentei a universidade como trabalhadora estudante. Aluna voluntária. Os outros... eram alunos ordinários. Era esta a designação. Não sei se hoje ainda é assim. Então ter o curso de história é só isto? O Zé Manel e nova casa. A independência. Ser assistente do Prof. António Quadros (pintor). A poesia-vitamina. O não saber pensar só numa língua. A formação de camponeses. “O ângulo-obtuso é um ângulo preguiçoso, não é professor?” A Cristiana, ainda pequena, só com 4 anos, esperando sempre pacientemente que a mãe acabasse de compor uma canção, a dizer que também tinha feito uma: “Aqui há flores! Ali há arroz!” Em 6ª Maior ascendente e 3ª Maior descendente. Os Pituns. A Leonor, companheira de brincadeiras da Cristiana, sempre a dançar as ideias do corpo. Um pequeno mundo de amigos que transformavam as questões mais complicadas num excelente prato de massa fresca, ou arroz com todos (sempre no caso da Lira). A Formação para o Desenvolvimento. As músicas com o Jorge Constante Pereira. As Campanhas de Educação Sanitária. (Quem gosta da mosca, de noite e de dia? É a porcaria!). Outra vez a música. Os poetas: portugueses, franceses, espanhóis, ingleses. A música da palavra? A música das ideias? A Comunicação e Ensino. Tanta teoria da Comunicação. E então? Como mudar a comunicação? Mudar mesmo?



Portugal. Sentir-me uma identidade em trânsito. A cultura popular. Em trânsito por dentro dos lenços de amor, das cerâmicas, dos adufes. O Ar.Co. A Carmo. O Manel. A Graça. O Cinema de Animação, na Gulbenkian. A música da poesia. Mais imagem. O design do compor. O desenho. A Flávia. O Júlio Pereira. O Zíngaro. Outras conversas. Outras descobertas. A música popular portuguesa só? E então a poesia que não cabia nos ritmos populares portugueses? Que imagens para esta música? Que territórios para os sentidos do cantar? O teatro. Mário Viegas. A Céu Guerra. O Alberto e a Priscila. A Educação sempre. De todos para todos. A serra Algarvia. A Vica. A poesia tecendo os encontros. As tecedeiras de Cachopo. As bordadeiras de Martinlongo. As doceiras de Castro Marim. Nova Casa. O Teatro de Loulé. Poetas e actores. Mais músicas. Os encontros. A Formação de Formadores, os portugueses e a Europa. A Margarida, a Bonina, a Luísa, a

Isabelle, parceira da Córsega, amiga para a vida toda. A música na cumplicidade das vidas. O primeiro disco: *Música*. O Zé Mário. A UPAV. O José Martins. Direcção das músicas, partilhando a casa. Uma outra casa. O Orlando Laranjeiro. O Manuel Mendonça. O Bequinhas. A Catarina. O Yuri. Digressões. A Holanda e o Rui. *Todos os Dias*, o segundo CD. A Milai, rosto da família solidária. Novos amigos. O Teatro O Bando. A Sala-Estúdio Mário Viegas. A Guida. O Nuno, a Paula. O João. A Cristina. A Hélia. A Vachier & Associados. Novas Editoras. Velhas Editoras. Taco-a-Taco e o Prémio Zeca Afonso. O Multimédia e o Pedro Faria Lopes. A Odile e os festivais e teatros em França, Bélgica. O Rui e a percussão. João Lobo. Luís Sá Pessoa. Dudas. Moz. Mário Delgado. José Salgueiro. João Pires. Máximo. Tó Pinheiro. João. Digressões. Concertos em Aigues-Mortes, Tranches d'Europe Express. Les Tombées de la Nuit. Méditerranée, Méditerranées no Instituto do Mundo Árabe, Paris. Barcelona. Macau. Buenos Aires. Santiago do Chile. Curitiba. Rio. Sevilha. Galiza. Tantos, já. Lembro ao correr das memórias os circuitos, os cansaços, a incompreensão do que é montar um concerto. O medonho de assumir um palco sem condições técnicas nem acústicas nem artísticas. O mundo não dos tubarões mas das piranhas. O público, construindo, lentamente, o percurso dos concertos. Os jornalistas, os fotógrafos, os realizadores, inventando-me. Às vezes tanto, que nem me reconheço. Quando é mau é mesmo de fugir. Projectos com outros. O Zé Mário outra vez e sempre. O João Afonso. O Amancio Prada. A

Camerata Meiga. A Elenka Leda e a Lucilla Galeazzi, com quem criei o projecto: Terras de Canto. Carlo Rizzo. Ricardo Tesi. Mauro. Laurent. As vozes búlgaras. O Fausto. Tantos novos encontros. Novos músicos. Novos amigos. O David. O Vasco. A voz. A palavra. Os poetas. O Audiovisual para crianças. A adaptação. A tradução. A violência das imagens que mudam de segundo a segundo. Os actores, grandes cúmplices. Os pintores. O traço. A pintura no ecrã. António Jorge. O Teatro para a infância. A Carla. O Dino. Tantos encontros sem nomes nem propósito. As ligações insuspeitadas entre as artes e as ciências. E as técnicas. A música da palavra. “Word-Music”. A música como ideia. A música dando corpo a uma forma de sentir e de pensar. As contradições entre público e referências. Entre seguir as referências e perder o público. Entre o mercado e a aparente não especificidade do mercado das artes. Entre as evidências e o oculto. O apoio de tanta gente. A vida. Novo disco: *A monte*. À procura de quem não se encontra facilmente. Novos músicos. Novos amigos. A Música e a dança. A Ana Rita e o Sena Nunes. A Acert. A Mariana. O Ruben. Mil-Homens. A Paula Guimarães e o IELT. ETIC. A Boca. O Filipe e os novos espaços para o meu canto. Não sou daqui, mas aqui estou. Esta noite. Numa casa que por ser do mundo e assim se designar, sinto como também minha. E vossa. Antes, agora e sempre.

António Jorge Gonçalves

Nasceu em Lisboa. Licenciou-se em Design Gráfico pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e fez Mestrado em

Theatre Design na Slade School of Fine Art em Londres.

A narração por imagens é o seu território favorito: desde 78 que publica banda desenhada em jornais, revistas e fanzines em Portugal, Espanha, França e Itália. Dos vários livros editados destacam-se a trilogia de Filipe Seems (com Nuno Artur Silva), *A Arte Suprema* (com Rui Zink) e *O Senhor Abílio*. Desenha semanalmente um *cartoon* para O INIMIGO PÚBLICO (jornal *Público*) Concebeu conceitos visuais para teatro, entre os quais *O que diz Molero* e *Arte*. Criou com Nuno Artur Silva o espectáculo *Conspiração*. Desde 2000 que trabalha no projecto SUBWAY LIFE (<http://www.subway-life.com/>) viajando por Londres, Berlim, Estocolmo, Nova Iorque, São Paulo, Tóquio, Atenas, Moscovo e Cairo, desenhando pessoas sentadas nas carruagens do metro. O Desenho Digital em tempo real tem sido a sua principal ocupação nos dois últimos anos: integrou várias performances com músicos, bailarinos e actores em Portugal, França, Alemanha, Japão e EUA.

António José Martins

Participação como músico, e em alguns casos como arranizador, em concertos e/ou gravações de grupos ou cantores como Zanarp e Quinto Crescente (jazz), Shish (nova música improvisada), Oóquesomtem (música étnica – grupo de percussão), Fausto, Trovante, Sérgio Godinho, Janita Salomé, José Mário Branco, Júlio Pereira e Amélia Muge. Compôs, em 1980, a banda sonora de uma série de 12 episódios escrita por Manuel António Pina, chamada *O Inventão*, para a RTP, donde foi editado

um LP *Histórias com pés e cabeça*. Em 1990 tocou na peça *O estrangeiro em casa*, no teatro A Comuna. Exerce o cargo de músico, arranjador e director musical de Amélia Muge desde 1991. Produziu os seus trabalhos discográficos (*Música* – 1992, *Todos os dias* – 1994, *Taco a taco* – 1998, *A Monte* – 2002 e *Não sou daqui* – 2007). Co-produziu o álbum *Esta voz que me atravessa*, de Mafalda Arnauth (2001). Co-autor, com Amélia Muge, da banda sonora da peça *O Dono do Nada* (2003 e reposição no Teatro Maria Matos no final de 2006) e do espectáculo *Cidade Nua* (2004). Integra, desde 2004, o agrupamento *Os Goliardos*. Produziu o primeiro álbum das *Moçoilas* (*Já cá vai roubado* – 2000) e gravou e produziu o seu segundo álbum (*Que é que tens a ver com isso?* – 2006) bem como o álbum *Cantos da Língua* (2006) da ACERT, em parceria com Amélia Muge.

Professor de Educação Musical na Escola de Música do Porto; professor de Rítmica e de Educação Musical na Escola de Jazz do Hot Club de Portugal; criador e coordenador (de 1994 a 1997) do curso de Técnico de Áudio da Escola Profissional de Música de Almada, onde leccionou desde então (1994) até 2002 as disciplinas de Estudo de Gráficos Áudio e Informática Musical, às quais se juntou a disciplina de Formação Auditiva a partir de 1999. Desde 2003 lecciona nos cursos de Técnicos de Áudio da ETIC e de Música da EPI.

Filipe Raposo

Iniciou os seus estudos de música aos 12 anos. Entrou mais tarde na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa frequentando o curso de piano

nas classes dos professores José Bon de Sousa e Anna Tomasik e composição com Eurico Carrapatoso.

Adicionou à sua formação clássica a influência da música improvisada, estudando com Jen Thomas, George Cables, Stanley Jordan.

Frequenta actualmente o curso de Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, tendo estudado com Luís Tinoco, João Madureira, Carlos Caires, António Pinho Vargas, Christopher Bochmann e Nicholas McNair.

Tem colaborado musicalmente (como intérprete ou produtor musical/orquestrador) em diversos projectos: Amélia Muge, Mafalda Veiga, Fausto, José Mário Branco, Janita Salomé, Dulce Pontes, Carlos do Carmo, Paulo de Carvalho em *Terras do Canto*, Carlos Mendes, Tora Tora Big Band, Ficções, FluxuX, Yuri Daniel Trio, entre outros.

Participou também na área do cinema em filmes como *Crime do Padre Amaro* e *Odete*, e é pianista acompanhador da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

José Manuel David

Natural de Vila Franca de Xira, licenciou-se em Filologia Germânica pela Universidade Clássica de Lisboa em 1981. De 1978 a 1983, foi aluno do Conservatório Nacional de Lisboa, onde completou o Curso Geral de composição e o 4º ano de trompa. Professor de Educação Musical no 2º ciclo do ensino básico desde 1981.

Foi um dos fundadores do Grupo de Recolha e Divulgação de Música Tradicional Portuguesa Almanaque da

Juventude Musical Portuguesa, em 1975. Em 1981, funda o grupo Sementes que se dedica também à recolha e divulgação de música tradicional portuguesa, onde deu continuidade ao trabalho desenvolvido no Almanaque, até 1985.

Em 1993 integra o Grupo Gaiteiros de Lisboa, tendo desde então participado em inúmeros espectáculos como autor, executante multiinstrumentista e produtor.

Autor de música para teatro e cinema. Alguns dos seus trabalhos encontram-se registados em disco, com destaque para *Descantes e Cantaréis* e *Sementes*, com o Grupo Almanaque (1979 e 1986), *Invasões Bárbaras*, *Bocas do Inferno*, *Dança Chamas*, *Macaréu* e *Sátiro* com os Gaiteiros de Lisboa (1995 a 2006). Em 1998 participa como autor e intérprete no disco *Novas vos trago*, iniciativa da Comissão dos Descobrimentos e da Universidade de Aveiro.

Participa também, como cantor e multiinstrumentista, em trabalhos de outros artistas de que destaca Amélia Muge, José Mário Branco, Sérgio Godinho e Fausto.

Yuri Daniel

Nascido em 1966, no Brasil, radicou-se em Portugal na década de 80, onde frequentou, como bolseiro, a Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, em Lisboa. Desde então tem colaborado com vários nomes da música portuguesa. Para além das suas próprias formações: Zê-di-Zastre, Ficções, Piazzollando, integrou as bandas e gravou com Rui Veloso, Dulce Pontes, Sérgio Godinho, José Mário Branco, Resistência, Amélia Muge, Maria João e Mário Laginha. No

quadro estrangeiro colaborou com Paulo Moura, Cliff Korman, Rick Lathan, John Stubblefield, Frank Colon, entre muitos outros. Participou em diversos Festivais de Jazz, nacionais e estrangeiros. Integrou múltiplos *workshops*, destacando-se os *Workshops* de Jazz da Horta (Açores), Imaginazz (Covilhã), Algo de Jazz 2001 (Aveiro) e 2º *Workshop* de Jazz 2001_2002, em Faro. Actualmente, além da sua própria banda (ydBand), toca com vários dos nomes acima referidos.

Carlos Mil-Homens

Inicia a sua carreira na orquestra de percussão Tocárufar, da qual se torna maestro e monitor. Continua a colaborar com Rui Júnior nos grupos Wok e o Ó que som tem?.

Ao desenvolver um grande interesse pelo flamenco, viaja para Espanha onde estuda com Manolo Garcia.

Mais tarde, no Peru, prossegue os seus estudos de percussão com Juan Medrano “Cotito”, Hugo Bravo e Chebu Ballumbrosio.

No seguimento desta viagem, é convidado pelo coreógrafo Rui Pinto para criar a música para a peça *Secret Smile*, encomendada pela Companhia de Dança de Almada.

Em 2006, faz um curso de introdução à música afro-cubana com o professor Ricardo Goromina.

Além dos grupos Serva la Bari, Lundum Ensemble e Aether, dos quais é membro integrante, destacam-se as colaborações com os músicos José Mário Branco, Amélia Muge, Rão Kyao e Fausto.

Dj Janot

Palco do Grande Auditório
20h-24h (dia 19) · 18h-22h (dia 20)

Jornalista e crítico de cinema, Marcelo Janot (DJ Janot) iniciou há seis anos a sua carreira de DJ. E desde 2000 que põe em prática o seu conceito de música brasileira para dançar. Criou a festa Brazooka numa discoteca do Rio, em que apresenta apenas música brasileira. Mas não é o samba das Escolas do Carnaval. A música com que ele põe toda a gente dançar vai das raízes da MPB a Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Elis Regina, Gaetano Veloso, Djavan e muitos mais. E a pista nunca fica vazia.

Com um currículo extenso, em Fevereiro de 2006 abriu o espectáculo dos Rolling Stones, na Praia de Copacabana, pondo a dançar cerca de 1 milhão de pessoas. Em Julho desse ano lançou, pela Som Livre, o CD *O Som Brazooka do DJ Janot*, em dois volumes.

Neste Carnaval, venha dançar à Culturgest com a melhor música brasileira.



CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos